

Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade

**AGRICULTURA FAMILIAR E PLURIATIVIDADE NO VALE DO JAGUARI/RS:
UM ESTUDO ATRAVÉS DA ABORDAGEM SISTÊMICA**

**FAMILY AGRICULTURE AND NO PLURIACTIVITY JAGUARI VALLEY/RS:
A STUDY THROUGH THE SYSTEMIC APPROACH**

Claudio Raimundo de Bastos Brasil e Maristiane Melo dos Santos

RESUMO

O desenvolvimento das atividades no meio rural já não pode mais basear-se apenas em atividades tradicionais, cada vez mais sujeitas a risco elevado, exaustão dos fatores de produção e a incerteza. A pluriatividade ou diversificação dos produtos ou serviços que agreguem valor e sustento das famílias rurais pode contribuir significativamente para a uma efetiva melhoria na qualidade de vida e para a permanência destes no campo. Este trabalho tem por objetivos: identificar e entender a pluriatividade na agricultura familiar, reconstituir a evolução histórica da agricultura familiar, identificar e caracterizar os agricultores familiares pluriativos, seus sistemas de gestão e produção e também analisar sua inserção no mercado não agrícola. Diante disso, é importante justificar que pesquisas relacionadas a temática do desenvolvimento rural, não podem ser realizadas de maneira que se tente responder isoladamente temas como produção, renda total, renda não-agrícola e/ou pluriatividade. Por isso, busca-se utilizar a abordagem sistêmica na realização deste trabalho, afim de compreender a importância de cada componente e também como ocorrem as inter-relações entre os vários elementos que compõem a agricultura familiar pluriativa da região de estudo. Entre os resultados esperados, está o de identificar se as atividades da agricultura familiar na região possibilitam uma sustentação econômica, social e ambiental de médio a longo prazo.

Palavras-chave: agricultura familiar, pluriatividade, abordagem sistêmica

ABSTRACT

The development of activities in rural areas already can no longer be based only on traditional activities, increasingly subject to high risk, depletion of production factors and uncertainty. The pluriactivity and diversification of products and services that add value and livelihoods of rural households can contribute significantly to an effective improvement in quality of life and the permanence of these in the field. This study aims to: identify and understand pluriactivity in family farming, reconstruct the historical development of family farming, identify and characterize pluriactive farmers, their management and production systems and also analyze their integration into non-agricultural market. Therefore, it is important to justify research related to the theme of rural development can not be achieved so that alone try to answer issues such as production, total income, non-farm income and / or pluriactivity. Therefore, we seek to use the systemic approach in this work in order to understand the importance of each component and also occur as the interrelationships between the various elements that make up the pluriativa family farms in the study region. Among the expected results, it is to identify whether the activities of family farming in the region allow an economic, social and environmental sustainability of medium to long term.

Keywords: family agriculture, pluriactivity, systemic approach

Introdução

Segundo Navarro (2002), o desenvolvimento rural no Brasil passou por diversas fases históricas como a modernização, neoliberalismo, globalização e a retomada do desenvolvimento nos anos 90. Esses acontecimentos, trouxeram novamente a tona o debate político e acadêmico sobre o desenvolvimento, fazendo com que surgissem respostas ao empobrecimento e a necessidade de diversificação da produção. Ao problematizar o desenvolvimento rural no Brasil, o autor aborda seus limites e mudanças possíveis, tendo dentro dos limites apontados a heterogeneidade do rural, o debate da reforma agrária e a estratégia do desenvolvimento rural nacional. Já as mudanças possíveis, são política e ideológicas, sendo que ambas necessitam de alianças para efetivamente alcançarem o desenvolvimento rural.

Sabe-se que o atual modelo de produção trouxe problemas significativos de ordem social e ambiental, aliados a uma redução drástica da utilização da mão-de-obra e uma maior necessidade de investimentos, o que acabou refletindo em um maior custo para a produção, mas sem garantias efetivas de aumento da produtividade.

Com isso, nas últimas décadas, o surgimento de desigualdades no meio rural tornou-se alvo de discussões constantes, tanto no meio político como no meio acadêmico e essas ganharam intensidade com o avanço dos anos, assumindo repercussões mundiais. De uma forma geral, os argumentos e as explicações para os fatos geradores destas desigualdades são buscadas no contexto histórico da formação econômica e social brasileira.

Para Schneider, o desenvolvimento rural aliado a agricultura familiar ganharam nas últimas décadas uma profunda atenção por parte do meio acadêmico e pelos fazedores de políticas públicas, sendo que em ambos os casos é tido como relevante e primordial para o processo do desenvolvimento rural brasileiro.

Na verdade, a agricultura familiar ganhou vez e voz no cenário nacional através do Estado, que criou no ano de 1996, o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar). Esse programa na verdade foi uma resposta às pressões dos movimentos sociais, como o Grito da Terra, que ocorreram nos anos 90, e surgiu com o objetivo de financiar crédito agrícola e apoio institucional às famílias de pequenos produtores rurais que não eram atendidos pelas políticas públicas ao longo da década de 1980.

Nos dias atuais, a agricultura familiar contemporânea ocupa uma posição de destaque no espaço rural brasileiro, pois produz boa parte dos alimentos que chegam as mesas das famílias do país, o que explica a importância de políticas públicas voltadas para o setor.

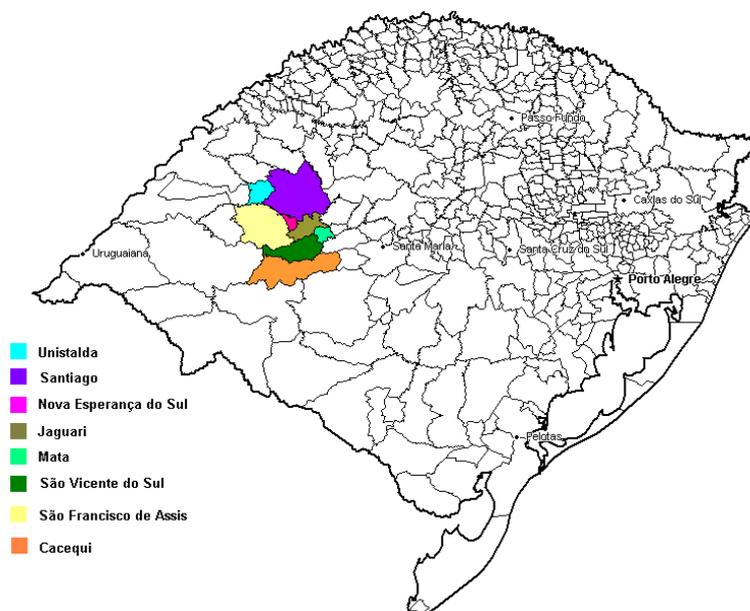
Percebe-se ainda, que o desenvolvimento das atividades no meio rural já não pode mais basear-se apenas em atividades tradicionais, cada vez mais sujeitas a risco elevado, exaustão dos fatores de produção e a incerteza, ou seja, a pluriatividade ou diversificação dos produtos ou serviços que agreguem valor e sustento das famílias rurais pode contribuir significativamente para a uma efetiva melhoria na qualidade de vida e conseqüentemente para a permanência destes no campo. Afinal, nas perspectivas atuais sobre a temática do desenvolvimento rural, destacam-se as formas como os produtores constroem estratégias para diversificar a produção e a inserção da propriedade em novos mercados.

Para Ellis (2000), o processo da estratégia de diversificação da produção para o sustento familiar, é possível, entre outros fatores, quando se tem acesso aos capitais natural, humano, social, físico e financeiro. Porém, isso parece um tanto complexo se realizada a leitura de que, em se tratando de propriedades rurais que precisam produzir seu próprio sustento, o acesso aos recursos, apresenta-se com um desafio quando se opta pela diversificação produtiva.

O fato, é que as novas características e funções do meio rural, vem despertando interesse de profissionais das mais diversas áreas do conhecimento humano, inclusive da Administração,

devido principalmente as mudanças ocorridas com a modernização da agricultura, sendo necessário também que o próprio produtor conheça-as e adapte-se as exigências do mercado. Para Santos e Marion (1996), neste cenário de riscos e incertezas que é a unidade de produção agrícola, independentemente do seu tamanho, o administrador rural deve planejar, controlar, decidir e avaliar os resultados, visando à maximização dos lucros, à permanente motivação, o bem-estar social de seus empregados e à satisfação de seus clientes e da comunidade.

Diante deste contexto, apresenta-se o Vale do Jaguari¹, região composta por 9 municípios, todos caracterizados por atividades agropecuárias diversificadas, destacando-se a soja e a pecuária de corte, porém produtos oriundos da agricultura familiar como o arroz, leite, uva, fumo, aves, suínos, olericulturas, entre outras, também possuem importância para a economia local.



Mapa de localização dos municípios pertencentes a Região do Vale do Jaguari
 Fonte: Anese 2012

Nos últimos anos, essa região teve uma descentralização da produção, o que impactou diretamente nas dinâmicas estruturais dos agricultores familiares envolvidos, ou seja, esses produtores deixaram de produzir objetivando apenas o sustento das famílias. Passaram então, a visar a promoção de uma renda familiar decorrente de uma produção mais voltada para os mercados locais e no desenvolvimento de atividades diversificadas e até mesmo não agrícolas. Na referida região, localiza-se Nova Esperança do Sul, cidade que nas últimas décadas expandiu seu crescimento através do setor industrial, mais especificamente com a produção de calçados e o beneficiamento de couros e artefatos em geral. Nos dias atuais, a maior empresa da cidade exporta seus produtos para E.U.A, Europa e Ásia, já as demais empresas direcionam sua produção para o mercado interno brasileiro. Desta forma, a cidade acabou atraindo parte da mão-de-obra disponível na região, inclusive do meio rural, de forma que no município embora os salários pagos sejam modestos, não há desemprego.

¹ O Vale do Jaguari pode ser melhor conhecido e caracterizado nos trabalhos de Deponti (2002 e 2007), Anese (2009) e Uberti (2012).

Os trabalhadores de outros municípios da região que não possuem tradição industrial, utilizam o transporte coletivo rodoviário oferecido pela empresa para continuarem residindo em seus municípios de origem e diariamente trabalham nas indústrias. Residem eles no meio urbano ou rural, de suas cidades e sujeitam-se a este cansativo deslocamento diário porque Nova Esperança do Sul não consegue oferecer moradias para alugar e vender conforme a demanda. Devido a expansão industrial no setor coureiro-calçadista, Nova Esperança do Sul passou a ser conhecida na região e no Estado como a Capital da Bota e esse crescimento fez com que parte da agricultura familiar do município também busca-se no setor urbano uma forma de diversificar e melhorar sua renda. Com isso, Nova Esperança do Sul acabou atraindo parte da mão-de-obra disponível na região, tanto do meio urbano quanto do do meio rural, de forma que no município embora os salários pagos sejam modestos, não há desemprego.

Os trabalhadores de outros municípios da região, principalmente dos quatro mais próximos e que não possuem tradição industrial, valem-se do transporte coletivo rodoviário oferecido pela empresa para continuarem residindo em seus municípios de origem e diariamente trabalham nas indústrias. Residem eles no meio urbano ou rural, de suas cidades e sujeitam-se a este cansativo deslocamento diário porque Nova Esperança do Sul não consegue oferecer moradias para alugar e vender conforme a demanda.

O mesmo ocorre com uma parcela significativa de agricultores familiares que residem em localidades do interior de Nova Esperança do Sul. Esses também utilizam-se do transporte coletivo oferecido pela Gobba Leather, principal empresa da cidade, para cumprir sua jornada de trabalho, em turnos de 8 horas, e posteriormente retornam às suas propriedades rurais.

Uma outra parcela, exerce suas atividades nas outras empresas da cidade, que são os atelies, as fabricas de botas e as selarias. Existem também agricultores familiares que são servidores públicos do município ou do Estado. E há também casos em que algum membro da família trabalha em algum órgão publico ou desenvolve algum tipo de atividade nos setores de comércio ou serviços do município. Essa outra parcela, quase que na sua totalidade, já migrou do meio rural para o urbano e por isso optaram por arrendar suas terras ou mesmo manter uma produção de menor escala em suas propriedades.

Todos esses trabalhadores, enquadrando-se tipicamente como agricultores familiares pluriativos, que lançam mão desta estratégia de reprodução econômica e social, fugindo assim da marginalização provocada pelo modelo tecnológico excludente adotado.

Isso, no entanto, não significa que os agricultores familiares de Nova Esperança do Sul criaram barreiras para o desenvolvimento rural. Pelo contrário, através da pluriatividade eles possibilitaram o surgimento de novas estratégias e mecanismos de diversificação da renda familiar em geral, criando assim espaços de manobras perante possíveis crises agrícolas.

Problemática e Justificativa

Diante dessa transformação econômica e social exposta, pergunta-se:

- 1)Qual a importância da pluriatividade para a agricultura familiar de Nova Esperança do Sul?
- 2)Como ocorrem as relações entre a agricultura familiar e as diversas empresas do setor coureiro calçadista do município?
- 3)Como os agricultores familiares pluriativos organizam seu sistema de produção afim de liberar mão de obra para os demais setores do município?

A realização de tal pesquisa, justifica-se a inicialmente pela importância e atenção que se dá atualmente aos temas agricultura familiar e pluriatividade para o processo de desenvolvimento rural. Aliado a isso, a pluriatividade tem sido considerada de suma importância, principalmente, por que é vista como uma fonte de ocupação da mão de obra existente no campo e conseqüentemente de permanência das famílias no meio rural.

Apesar da região de estudo ainda apresentar totais condições para o desenvolvimento de atividades agropecuárias, tem se percebido que cada vez mais a agricultura familiar tem se

envolvido em atividades consideradas não agrícolas, como é o caso do trabalho no serviço público e também no setor coureiro calçadista. Portanto, é justo afirmar que tal pesquisa é de extrema relevância social e científica, afinal é importante que ao final deste trabalho se possa entender as relações existentes entre a agricultura familiar e a pluriatividade no caso da região de estudo.

Percebe-se ainda, que a agricultura familiar e a pluriatividade no Vale do Jaguari estão ligadas sobre diversos aspectos. Porém, os aspectos social e econômico precisam ser melhor conhecidos e entendidos, não apenas no meio acadêmico, mas também pelos próprios agricultores, bem como pelos fazedores de políticas públicas da região, que teoricamente são os principais interessados em conhecer a realidade local, afim de que possam implementar novos programas e projetos que visem um desenvolvimento rural sustentável. Portanto, tais justificativas corroboram para a realização deste estudo, que visa conhecer a agricultura familiar e a pluriatividade no município, e que apesar do seu ineditismo em nível regional, se apresenta como um trabalho totalmente exequível.

OBJETIVOS

Geral: Identificar, entender e caracterizar a pluriatividade na agricultura familiar de Nova Esperança do Sul, em especial no setor coureiro-calçadista.

Específico(s):

Reconstituir a formação e evolução histórica da agricultura familiar de Nova Esperança do Sul;

Identificar e caracterizar os agricultores familiares, seus sistemas de produção e as formas de gestão (econômica, ambiental e social) de suas propriedades;

Analisar como se dá a inserção da agricultura familiar no mercado não agrícola, em especial no setor coureiro calçadista;

Realizar uma análise sobre as possibilidades futuras da agricultura familiar na região de estudo.

REVISÃO TEÓRICA

Agricultura Familiar

A partir da década de 90 a agricultura familiar ganha *status* no cenário nacional, em virtude dos movimentos sociais exigirem atenção para os pequenos produtores, pois esses até então encontravam-se excluídos do processo de desenvolvimento.

Desde então percebe-se uma atenção especial por parte do mundo acadêmico, com vários estudos relacionados ao tema, e do Estado, com políticas públicas voltadas especificamente a essa classe produtora.

O programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF enquadra os produtores rurais como beneficiários de linhas de crédito rural quando atendem aos seguintes requisitos: sejam proprietários, posseiros, arrendatários, parceiros ou concessionários da Reforma Agrária; residam na propriedade ou em local próximo; detenham, sob qualquer forma, no máximo 4 (quatro) módulos fiscais de terra, quantificados conforme a legislação em vigor, ou no máximo 6 (seis) módulos quando tratar-se de pecuarista familiar; com 80% da renda bruta anual familiar advinda da exploração agropecuária ou não agropecuária do estabelecimento e mantenham até 2 (dois) empregados permanentes – sendo admitida a ajuda eventual de terceiros.

Para BUAINAIM e ROMEIRO (2000), o que caracteriza a agricultura familiar é por que, em geral, nessas propriedades são desenvolvidos sistemas complexos de produção, combinando várias culturas, criações animais e transformações primárias, tanto para o consumo da família como para o mercado.

Segundo SCHNEIDER (1999), além das estratégias de ocupar a mão-de-obra familiar em atividades agrícolas e não-agrícolas, os agricultores familiares frequentemente conciliam a mão-de-obra familiar com a contratada (temporária ou permanente) nas atividades produtivas dentro das propriedades, quando há carência de mão-de-obra familiar, sendo que isso geralmente ocorre em casos como quando os filhos não estão em idade de participar das atividades agrícolas, a mão-de-obra familiar já perdeu seu potencial produtivo (predominância de idosos) e quando a propriedade pratica atividade produtiva altamente intensiva em mão-de-obra. O mesmo autor, afirma que na agricultura familiar, a combinação entre a mão-de-obra familiar agrícola e não-agrícola está relacionada à manutenção do estabelecimento agrícola assegurando sua reprodução socioeconômica. O trabalho agrícola e não-agrícolo exercidos de forma complementar pelos membros da família que residem na propriedade, frequentemente se deve à pouca disponibilidade de terra e às dificuldades de modernização tecnológica, o que compromete sua renda, obrigando essas pequenas unidades a buscar uma alternativa complementar de renda (SCHNEIDER, 2003).

Para FIALHO (2000) o que realmente caracteriza a agricultura familiar é a efetiva participação da mão de obra familiar nas atividades realizadas, seja elas agrícolas ou não agrícolas, reforçando assim a importância da diversificação da produção nas pequenas propriedades. Para esse autor, ao se definir agricultura familiar contemporânea, deve-se levar em conta todas as formas que essa categoria social apresenta, seja através de atividades agrícolas ou não agrícolas, mas, desde que a mão de obra familiar seja preservada.

SCHNEIDER (2003) afirma que a composição das estratégias da Agricultura Familiar depende de aspectos importantes que compõem o meio no qual os agricultores familiares estão inseridos. Para o autor, ao se definir a agricultura familiar contemporânea, deve-se levar em conta todas as formas que essa categoria social apresenta, seja ela baseada no trabalho familiar não-agrícola (pluriatividade) ou com a participação do trabalho assalariado, mas que a essência da mão-de-obra familiar (agrícola ou não-agrícola) seja preservada.

Pluriatividade:

Sendo a multifuncionalidade da agricultura um fenômeno atual, onde as atividades agrícolas não são as únicas fontes de renda para o produtor, cabe ao mesmo estar preparado e capacitado para essas mudanças, afinal produtores mais qualificados, tornam-se mais competitivos e conseguem entrar em mercados em que muitas vezes a escala produtiva, a alta tecnologia e a pluriatividade são requisitos de sobrevivência.

A pluriatividade é considerada a diversificação das atividades rentáveis do negócio e através dela os membros das famílias de agricultores, que residem no meio rural, optam pelo exercício de diferentes atividades, ou ainda, optam pelo exercício de atividades não agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural.

Os estudos de de Baumel e Basso (2004), defendem a tese da pluriatividade, na busca do desenvolvimento da agricultura familiar:

A pluriatividade se estabelece como uma prática social, decorrente da busca de formas alternativas para garantir a reprodução das famílias de agricultores, um dos mecanismos de reprodução, ou mesmo de ampliação de fontes alternativas de renda; com o alcance econômico, social e cultural da pluriatividade as famílias que residem no espaço rural, integram-se em outras atividades ocupacionais, além da agricultura (Baumel e Basso; p. 139). Schneider (2003) cita a importância da pluriatividade para a manutenção e sobrevivência da pequena propriedade:

“A pluriatividade permite reconceituar a propriedade como uma unidade de produção e reprodução, não exclusivamente baseada em atividades agrícolas. As propriedades pluriativas são unidades que alocam o trabalho em diferentes atividades, além da agricultura familiar. A pluriatividade, portanto, refere-se a uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas (rendimentos, rendas em espécies e transferências) (Schneider, pg. 114)”.

Para Ellis (2000), o processo da estratégia de diversificação da produção para o sustento familiar, é possível, entre outros fatores, quando se tem acesso aos capitais natural, humano, social, físico e financeiro. Porém, isso parece um tanto complexo se realizada a leitura de que, em se tratando de propriedades rurais que precisam produzir seu próprio sustento, o acesso aos recursos, apresenta-se com um desafio quando se opta pela pluriatividade produtiva. Para Baumel e Basso (2004) pode-se considerar que a pluriatividade, através de as atividades agrícolas ou não-agrícolas, são de fato mecanismos de desenvolvimento, pois ambas contribuem para que a forma familiar de organização do trabalho e da produção gere novos mecanismos de sobrevivência, de garantia de sua reprodução material, e até mesmo a ampliação de sua importância na estrutura social .

BUAINAIM e ROMEIRO (2000), acreditam que os agricultores familiares tem grande capacidade de adaptação a ambientes em rápida transformação, seja devido à crise de produtos tradicionais, emergência de novos mercados e ou mudanças mais gerais da situação econômica do país. Para esses autores, outra característica cada vez mais presente na agricultura familiar é a ”pluriatividade”.

Portanto, percebe-se que toda e qualquer nova atividade a ser desenvolvida dentro da UPA é de fato cercada por certa complexidade. Ao produtor não basta apenas ter capitais disponíveis, mas é preciso também que o mesmo tenha conhecimento sobre o processo, afinal o sucesso da reorganização econômica depende não só do acesso aos recursos necessários e à tecnologia, mas também é contingente sobre um conjunto de relacionamentos por parte do mesmo.

O desafio que ora se apresenta, não está apenas nas tão necessárias mudanças estruturais que corrijam a injusta distribuição de recursos no meio rural, está inclusive em aumentar a utilização do conhecimento dos agricultores na implementação e no desenvolvimento de novas atividades que possibilitem maximização da renda familiar e uma melhor qualidade de vida.

E é visando enfrentar os desafios que se apresentam por esse contexto de mudanças, tanto no urbano como no rural, que a a pluriatividade têm se destacado como tema emergente na busca de soluções para os problemas sociais, para a geração de trabalho e renda e na busca de um desenvolvimento rural sustentável (social, econômico e ambiental).

METODOLOGIA

Método

A Teoria Geral dos Sistemas (TGS) surgiu através das ideias do biólogo Ludwig von Bertalanffy, tendo por finalidade identificar as propriedades, princípios e leis característicos dos sistemas em geral, independentemente do tipo de cada um, da natureza de seus elementos componentes e das relações entre eles.

Conforme Bertalanffy (1975), a TGS é interdisciplinar, isto é, pode ser utilizada para fenômenos investigados nos mais diversos ramos da pesquisa científica. Ela não se limita aos sistemas materiais, mas aplica-se a todo e qualquer sistema constituído por componentes em interação, podendo também ser desenvolvida em várias linguagens matemáticas, em linguagem escrita ou ainda computadorizada.

Segundo Lima et al (1995), uma unidade de produção é considerada um sistema que se relaciona com o meio ambiente físico, econômico, cultural, etc. e que retem desse conjunto os elementos que determinam o funcionamento do sistema. Para esse autor, a família e a propriedade constituem sim um sistema.

Dufumier (1996) apud Cotrim (2003) cita que a abordagem sistêmica baseia-se na aquisição progressiva de conhecimento, partindo-se do geral para o particular. De acordo com esse conceito, a pesquisa parte das relações que o objeto de estudo tem com o mundo, com o país e a região onde esteja localizado, para consequentemente se chegar a unidade de produção agrícola a ser estudada.

Diante do exposto, é justo afirmar que uma unidade de produção agrícola (UPA) deve ser considerada um sistema, pois constitui-se de elementos diversos (produtor, insumos, meios de produção, animais, etc...) que relacionam-se constantemente. E isso por si só já justifica a utilização da abordagem sistêmica nos estudos relacionados a UPA e a agricultura familiar pluriativa de Nova Esperança do Sul.

Silva (2005), vai ao encontro desta ideia, ao citar que a abordagem sistêmica tem analisado e auxiliado a agricultura de forma significativa em trabalhos de pesquisa e extensão rural. Para o autor, apesar de ter surgido como uma resposta a visões puramente disciplinares, essa abordagem tem se apresentado ao longo do tempo como um novo paradigma para questões relacionadas ao desenvolvimento rural, e que mesmo tem sofrido diferentes mudanças, encontra-se consolidada, apesar de extremamente heterogênea.

O fato é que pesquisas relacionadas a temática do desenvolvimento rural, não podem ser realizadas de maneira que se tente responder isoladamente temas como produção, renda e pluriatividade. Por isso, ao se utilizar a abordagem sistêmica na realização deste trabalho, busca-se compreender a importância de cada componente e também como ocorrem as inter-relações entre os vários elementos que compõem a agricultura familiar pluriativa da região de estudo.

Sabe-se que a realidade de uma unidade de produção, investigada a partir de conceitos de cunho sistêmico propicia uma análise mais ampla e detalhada das relações que esta unidade desfruta com o meio em que está inserida. Isso possibilita ao pesquisador uma maior segurança para entender diversos aspectos, entre eles o fenômeno das rendas não agrícolas. Fenômeno esse que está relacionado ao principal ponto deste trabalho: a pluriatividade.

Por isso, visando atender os objetivos multidisciplinares desta pesquisa, optou-se por utilizar os conceitos da abordagem sistêmica para identificar os agricultores familiares pluriativos existentes em Nova Esperança do Sul, bem como seus principais sistemas de produção. E também a fim de aprofundar os conhecimentos a cerca da origem e evolução da agricultura familiar regional e local.

Operacionalização da pesquisa

Primeiramente, pretende-se realizar juntamente com os alunos envolvidos, uma revisão bibliográfica relacionada à Abordagem Sistêmica e aos temas Agricultura Familiar e Pluriatividade, temas esses que norteiam a realização deste trabalho.

Posteriormente, com base nos conceitos da Abordagem Sistêmica, se fará uma pesquisa exploratória que demanda uma investigação prévia sobre a região a ser pesquisada. Para isso, serão utilizados dados secundários, que são todos aqueles já existentes, ou seja, obras literárias, dados estatísticos de IBGE e FEE, mapas, arquivos, notas de imprensa, entre outros. Nesta etapa, pretende-se identificar de forma preliminar a economia e infraestrutura local, o tipo de solo, o clima, entre outros fatores. Desta forma, começam a surgir as primeiras informações relacionadas as questões sociais, culturais, econômicas e agrícolas da região. Questões essas que são de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho.

A etapa seguinte, diz respeito a saída de campo e a leitura da paisagem da região.

Este é momento em que o pesquisador e os alunos envolvidos, através de uma observação participante, se inserem no ambiente a ser pesquisado, a fim de obter informações não encontradas nos dados secundários. Aqui, além de se obter as primeiras informações *in loco* sobre os sujeitos do local, também pretende-se descrever suas práticas agrícolas, os sistemas de produção por eles utilizados, bem como observar os recursos naturais disponíveis e as potencialidades locais existentes. Cabe destacar, que na observação participante o pesquisador assume um papel de membro de um determinado grupo e chega ao conhecimento da vida e dos costumes deste a partir do interior e da interpretação dele mesmo. No caso deste pesquisador, a observação participante é de caráter **natural**, devido ao fato do mesmo já conhecer a região de estudo.

Pretende-se ainda, reconstruir a história e evolução da agricultura e da economia de Nova Esperança do Sul. Para isso, além dos dados secundários, se utilizará uma entrevista com um Painel de Especialistas, composto por pessoas com profundo conhecimento sobre a agricultura e economia local, como por exemplo: moradores mais antigos do local, representantes das Associações e Clubes do Interior, Prefeitura Municipal, Emater, Senar, Embrapa, Instituto Federal Farroupilha, Sindicato do Trabalhadores Rurais, Sindicato dos Trabalhadores nas Industrias de Couro e Artefatos, COREDE, entre outros. Essa entrevista, visa identificar uma pré-tipologia das unidades de produção agrícola familiares existentes no município, detectar os elementos e eventos que auxiliaram na estrutura produtiva e técnica ao longo dos anos, além de descobrir e descrever quais sistemas de produção as propriedades rurais atualmente existentes estão utilizando. Nessas entrevistas o objetivo do pesquisador é conseguir informações que não seriam possíveis somente através da pesquisa bibliográfica ou mesmo da observação.

Posteriormente, se fará a escolha dos estudos de caso, através de uma amostra aleatória com representantes de cada tipo de UPA, encontradas na etapa anterior. A escolha desta técnica leva em consideração questões mais de observação direta dos temas que estão sendo pesquisados e as entrevistas com pessoas envolvidas nesse processo. Cabe aqui é destacar e se aprofundar nos motivos e razões que levaram com que cada unidade de produção alterasse sua trajetória de trabalho, influenciada ou não pelo processo de modernização da agricultura. Nesta etapa, os aspectos históricos, econômicos, produtivos e sociais são importantes e por isso, pretende-se utilizar um questionário semi-estruturado contendo questões abertas e fechadas, de forma que o pesquisador possa controlar e dirigir a entrevista. Para o sucesso desta etapa é importante a utilização de indicadores que retratem a realidade da unidade de produção agrícola a ser pesquisada. Entre esses indicadores estão, superfície agrícola cultivada, tipos de cultivos, preços, alimentação animal, modo de manejo, mão de obra utilizada, depreciação, renda total, renda não agrícola, entre outros. Por isso, é importante preparar um roteiro flexível, no qual alguma informação inesperada possa ser incluída.

A análise dos dados obtidos consiste no processo pelo qual se organiza e estrutura as informações obtidas. É o processo de transformação dos dados coletados em conclusões úteis e credíveis. Pode fazer com que se identifique relações e diferenças entre variáveis, se compare variáveis entre si e até mesmo se faça previsões dos temas abordados. Em relação a este projeto, a análise dos dados será realizada através de uma planilha no “Excel”, elaborada de forma a atender as necessidades da referida pesquisa, bem como identificar novas questões que possam surgir no decorrer da mesma.

Resultados Esperados

Do Projeto

=>Proporcionar um enfoque científico que possa auxiliar os órgãos públicos (Prefeitura, Emater, Senar) na tomada de decisões sobre o setor agrícola local;

- =>Identificar se as atividades da agricultura familiar na região de estudo possibilitam uma sustentação econômica, social e ambiental de médio a longo prazo;
- =>Contribuir para os estudos sobre as atividades da agricultura familiar na região e no Estado, bem como na divulgação dos cursos existentes no IF Farroupilha Campus São Vicente do Sul;
- =>Construção de um banco de dados para planejamento, novas pesquisas e trabalhos de extensão;
- =>Gerar conhecimento para o grupo de pesquisa.

Benefícios a Sociedade

- =>Oportunizar que a comunidade local e regional conheçam a realidade e importância da agricultura familiar da região de estudo;
- =>Possibilitar a inserção dos alunos dos cursos de Administração e Agropecuária no debate regional;
- =>Possibilitar uma maior experiência a todos os atores envolvidos na pesquisa e oportunizar a descoberta e identificação dos pontos positivos e negativos que afetam o desenvolvimento local e regional;

Referências Bibliográficas

ANESE, R. Arranjos produtivos locais e capital social no Vale do Jaguari/RS. Tese (Doutorado em Economia). Programa de Pós Graduação em Economia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BAUMEL, A.; BASSO, L. C. Agricultura familiar e a sustentabilidade da pequena propriedade rural. In: CAMARGO, G.; CAMARGO FILHO, M.; FÁVARO, J. L. (Org.) Experiências em desenvolvimento sustentável e agricultura familiar. Guarapuava – Paraná: Ed. Unicentro, 2004.

BERTALANFFY, L. Von. Teoria Geral dos Sistemas. 2 ed. Petrópolis. Vozes, 1975.

BUAINAIM, A. M.; ROMEIRO, A. A agricultura familiar no Brasil: agricultura familiar e sistemas de produção. Projeto: UTF/BRA/051/BRA. Março de 2000. 62p. Disponível em: <http://www.incr.gov.br/fao>. Acessado em 06 de março de 2015.

CONVAJ. Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Jaguari. Elaboração: Equipe Técnica da URI - Campus de Santiago. 2010.

COTRIM, M. S.. Pecuária Familiar na Região Sudoeste do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a origem e a situação socioagroeconômica do pecuarista familiar no município de Canguçu/RS. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

DEPONTI, G. Relato da Experiência de Implantação da Rota Turística Municipal do Verde e das Águas, Nova Esperança do Sul- RS. Seropédica: UFRRJ. 43p. (Monografia, Pós-graduação lato sensu em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) 2002.

ELLIS, F. Rural livelihoods and diversity in developing countries. Oxford University Press, 2000.

FERNANDES, B. M.. Espaços agrários de inclusão e exclusão social: novas configurações do campo brasileiro. *Agrária* (São Paulo. Online), n. 1, p. 16-36, 2004.

FIALHO, M. A. V. Agricultura Familiar e as Rendas Não Agrícolas na Região Metropolitana de Porto Alegre: um estudo de caso nos municípios de Dois Irmãos e Ivoti - RS. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Programa de Pós Graduação em Economia Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

FILHO, L. F. F. Análise das Trajetórias das Unidades de Produção Agrícolas do Município de Passo Fundo/RS e o Processo de Modernização da Agricultura Brasileira. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GIL, A. C.. Métodos e técnicas de pesquisa social. Editora Atlas, 5ed. São Paulo, 1999.

LIMA, A. J. P.; BASSO, N.; NEUMANN, P. S.; SANTOS, A. C.; MULLER, A. G.. Administração da Unidade de Produção Familiar: modalidades de trabalho com agricultores. Ed. da UNIJUI, Ijuí, 1995.

MIGUEL, L. A. Dinâmica e Diferenciação dos Sistemas Agrários. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

NAVARRO, Z.. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro, in *Estudos Avançados*, 15(43): 83-100, Instituto de Estudos Avançados, USP, 2001.

PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B.. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SANTOS, G.J.; MARION, J.C. Administração de custos na agropecuária. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1996. 140 p.

SCARPELLI, M. Planejamento e controle da produção. In: BATALHA, M.O. (coord.) *Gestão Agroindustrial*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001, vol.1, p. 290-380.

SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e pluriatividade. 1999. 470p. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFRGS, Porto Alegre, 1999.

_____. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n.51, p. 99-121, 2003.

_____. A pluriatividade na agricultura familiar. 2 Edição – Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2009.

SILVA NETO, B. Abordagem sistêmica, complexidade e sistemas agrários. In. Da MOTA; D.M.; SCHMITZ, H.; VASCONCELLOS, H.E.M. Agricultura familiar e abordagem sistêmica. Aracaju: Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 2005, p.81- 103.

UBERTI, H. G. O Vale do Jaguari no processo de construção da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol.6 Dourados jan/jun 2012.